

RESENHA CRÍTICA

PAIVA, J. S. **Caminhos do Educador Social no Brasil**. 1. Ed. Jundiaí: Paco, 2015, v. 1, 190¹p.

Galbênia Ferreira Borges²

A Pedagogia Social, Educação Social, Educador Social: que caminho é esse?

O objetivo da Educação Social é capacitar o indivíduo para viver em sociedade. A educação social, é uma prática pedagógica da Pedagogia Social que se transforma num instrumento de promoção, libertação pessoal e comunitária, contribuindo para a construção de um mundo mais justo. Caracteriza-se, principalmente, por ter uma perspectiva pedagógica, educativa, fincada no social. Nota-se que, a Pedagogia Social no Brasil é hoje uma ciência em construção, sendo que a compreensão de suas práticas por meio da Educação Social de Rua certamente contribuirá para o aprofundamento dessa ciência. Entretanto a Pedagogia Escolar e a Pedagogia Social não se constituem como ciências dicotômicas, ao contrário, elas se completam. Calimam, doutor em Pedagogia Social, esclarece a diferença entre Pedagogia Social e Pedagogia Escolar:

A Pedagogia Social se desenvolve dentro de instituições não formais de educação, é uma disciplina mais recente que a anterior. Nasce e desenvolve de modo particular no Séc. XIX como resposta às exigências da educação de crianças e adolescentes que vivem em condições de marginalidade e pobreza, de dificuldades na área social, em geral essas pessoas não puderam frequentar as instituições formais de educação. No Brasil a Pedagogia Social vive um momento de grande fertilidade. É o momento de criatividade pedagógica mais de que criação de métodos e conteúdo (CALIMAM, 2006).

O termo “Pedagogia Social” é de origem alemã, tendo sido utilizado pela primeira vez em 1844, por Karl Mager, onde pretendia, inicialmente, caracterizar o conceito de ajuda educativa, profissional e cultural à juventude (CARO et. al., 2004).

No mundo atual existem vários conceitos de Pedagogia Social, que nascem e se desenvolvem a partir da cultura, da necessidade de cada povo, embora sua origem seja marcadamente alemã. O que podemos observar em comum em todos os países, que é a Pedagogia Social não consegue pensar Educação sem um imbricamento profundo com o social. A Pedagogia Social define-se como uma ciência prática, social e educativa, que justifica e compreende em termos mais amplos a tarefa da socialização, sendo que desenvolve de forma

¹ A autora Jacyara Silva de Paiva desta obra resenhada possui graduação em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo (1995), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia de Recife (1994), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2006) e doutorado em Curso de Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2011). Professora pesquisadora nos Grupos de pesquisa: Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Pedagogia, Pedagogia Social e Educação Social - UEPG, Pedagogia Social - Mackenzie, experiência na área de Educação, atuando, principalmente, nos seguintes temas: educação de rua, educador social, pedagogia social, e diversidades.

² Mestre em Educação e Docência pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG). Pós-graduada em Planejamento e Licenciamento Ambiental, Psicopedagogia Clínica e Institucional. Graduada em Licenciatura Plena em Geografia e segunda graduação em Pedagogia, magistério a nível médio. Professora da Educação Básica na Rede Pública Municipal da cidade de Frutal-MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0140-128X>. E-mail: galbeniaborges@gmail.com.

prioritária em instituições não escolares e interessa-se pela dimensão social, e por isso ela pode e deve estar presente também no espaço escolar. Nesse sentido, o diálogo é o ponto de partida da Pedagogia Social. Não é propósito trabalhar com modelos prontos, pois como seres incompletos que somos, estamos constantemente construindo coletivamente os nossos próprios modelos, nossas próprias teorias e conceitos operacionais, olhando para o todo e ao mesmo tempo para as partes que o compõem. Por isso entende-se que a educação escolar é insuficiente para desenvolver as competências necessárias para a vida em sociedade.

A Pedagogia Social brasileira, tem a sua origem na Educação Popular, se propõe a rompimentos com o ciclo de marginalização historicamente constituído com os mais pobres da população. Nessa perspectiva, o trabalho do Educador Social emerge, como uma necessidade da sociedade industrializada, que se manifesta nas formas de pobreza, de marginalidade, no consumo de drogas, no abandono e na indiferença social. Podemos dizer que hoje é impossível ignorar sua presença prática e teórica nos inúmeros espaços educativos. A Pedagogia Social, faz crítica a Educação focada no desenvolvimento dos indivíduos sem considerar as dimensões sociais da existência humana (Otto, 2009).

Para Fichtner (2010), a ideia básica da Pedagogia Social é promover *o funcionamento social da pessoa*: a inclusão, a participação, a identidade e a competência social como membros da sociedade. A Pedagogia Social italiana privilegia a animação sociocultural, dando oportunidade para a inclusão cultural e social de sujeitos marginalizados. Além disso tem como meta a formação do profissional para atuar na área, “os *experts*” que são, pesquisadores, docentes e operadores com competência sociopedagógica no setor da educação, onde sua formação se dá dentro de uma Faculdade de Ciências da Educação. No contexto finlandês, o campo da práxis possui outros contornos, visto que sua sociedade possui características próprias que incluem trabalhos com a juventude, terceira idade, imigrantes, usuários de álcool e de drogas. Já na Espanha, a Pedagogia Social é entendida como a ciência da Educação Social e sua trajetória acadêmica começou em 1954. Neste período de um século a Pedagogia Social espanhola conquistou e justificou o *status* científico que tem e conseguiu galgar posição de relevo nas relações institucionais e sociais daquele país.

Na América Latina, devido a sua diversidade cultural, suas perspectivas políticas e econômicas, a Pedagogia Social pode ser pensada de acordo com a história das culturas, e na proximidade com os povos europeus que em diferentes circunstâncias estiveram na região. Nesses países apesar de regulamentada como profissão, como no México, Argentina, Chile e Venezuela, a Pedagogia Social ainda é pouco conhecida enquanto abordagem teórica e qualificação profissional regular. Para Machado (2009, p. 139), “o Uruguai é uma das referências da América Latina, Lá as obras de Paulo Freire e a Educação Popular são importantes aportes teóricos para que o sujeito da Educação Social seja protagonista de seu próprio processo educativo”. Entretanto no Brasil, o olhar da Pedagogia Escolar tem se voltado quase que exclusivamente para a escola, pouco se ocupando com a educação que, de maneira concreta, ocorre em outros espaços para além das salas de aula. A instituição escolar abriu suas portas para que todas as crianças brasileiras entrassem na escola, contudo, esta instituição não deu conta de compreender o seu educando de forma integralizada, sobretudo os educandos privados dos bens de consumo. Observa-se que, ainda hoje, há profissionais da Pedagogia Escolar que desconhecem totalmente as práticas educativas produzidas em ambientes diversos e, por outro lado, é crescente o número de educadores sociais que têm se voltado para a escola e vêm colaborando com seus saberes oriundos da pedagogia Social, que pode muito colaborar com a Pedagogia escolar.

A Pedagogia Social no Brasil está em construção, é processual, contínua e dialógica e tem como matriz epistemológica a Educação Popular e Comunitária, historicamente construídas por meio dos movimentos populares. Fundamenta-se nas origens freiriana, e proporcionou transformações nos educadores e também nos educandos, que saíram de sua ingenuidade para

a esfera crítica, da passividade para a militância em movimentos sociais e populares, da descrença para a esperança de que as coisas poderiam mudar. Lembrando que a questão da intersubjetividade é essencial a qualquer forma de conhecimento. No Brasil, já tivemos alguns títulos publicados sobre o tema, mas ainda insuficientes para atribuir a Pedagogia Social o mesmo *status* científico já alcançados nos países europeus.

Esses movimentos acontecem hoje principalmente nas universidades, por meio das Jornadas Brasileiras de Pedagogia Social, bem como através da criação da Associação Brasileira de pedagogia Social. Nesse sentido entende-se que a Pedagogia Social é disciplina científica, enquanto a Educação Social é a práxis. A Pedagogia Social se caracteriza como um projeto radical de transformação política e social, uma vez que propõe uma educação libertadora. Além disso, a pedagogia Social exige solidariedade humana e compromisso político com o educando, pois ele é um sujeito de direitos, que precisa tomar posse de sua cidadania.

De acordo com Gramsci (1989), o Educador Social deve ser um ‘intelectual orgânico’, um mediador em situações de conflitos, de desenvolvimento de potencialidades, pois este deve estar sempre atento a interpretar o mundo no qual se coloca em seu espaço educativo e no qual se desenvolve. Para tanto o olhar do pesquisador sociopedagógico deve ser sempre planejado, ‘empapado’ do cotidiano de nosso educando, com um olhar refletido e reflexivo, assim fazendo acontecer a produção do conhecimento. Já Paulo Freire (1980), diz que: “devemos nos incomodar, nos inconformar e lutar por mudanças, devemos ter crenças, sonhos, desejos, aspirações, medos, angustias, ansiedades, e vontade de fazer”. A pedagogia freiriana nos impulsiona a seguir construindo, nos possibilitando a reflexão e ação, assim favorecerá a independência dos educadores sociais.

EDUCAÇÃO SOCIAL: como se faz?

Verifica-se que a Educação Social está além da informação, às classes sociais ou as crianças excluídas pela sociedade. Ela é para todos, e está presente durante toda a vida, uma vez que, fala do desenvolvimento humano do ser, consiste em um modo de educar voltado aos interesses e necessidades dos educandos, respeitando o seu saber, a sua cultura, o seu cotidiano vivido e experienciado, seu meio social, conseguindo de forma integral compreender o indivíduo. Durante muito tempo, a Educação Social foi chamada de Educação Não Formal e compreendida como um campo em oposição à Educação Formal.

Os sujeitos da Educação Social de Rua de forma específica são pessoas que vivem em situações econômicas desfavoráveis, paradoxais e em desvantagens sociais. Nesse sentido o diálogo entre o oprimido e o opressor é uma exigência existencial para a libertação e humanização de ambos. De acordo com Freire (1999), “tanto o oprimido como o opressor, precisam estar nesse processo de libertação mútua”. Verifica-se que o sujeito da educação Social é todo aquele livre das amarras das grades curriculares ou do currículo duro promovido pela docência. Porém, ainda hoje os educadores que trabalham com os marginalizados, também se sentem marginalizados pela Pedagogia Escolar e acadêmica. Isso ocorre principalmente por falta de informação em relação à Educação Social. Outra questão que precisa ser constantemente problematizada é a respeito da formação profissional do Educador Social, pois esta, encontra-se muitas vezes, somente em curso de capacitação, mas dificilmente com a formação pessoal do educador que atua dialogando com os oprimidos. Porém, começa no Brasil a luta pelo reconhecimento da Educação Social como profissão, prevista na Constituição Federal de 1988 e na lei das Diretrizes e Bases da Educação nacional (BRASIL, 1996). Torna-se relevante lembrarmos que no governo Lula e Dilma, tivemos avanços significativos no enfrentamento da pobreza, entretanto ainda insuficiente. A Educação Social exige não só

competência técnica, mas também compromisso ético, político, solidário e um olhar para com o ser humano, uma militância com desejo de transformação do mundo.

O que Pretendi nessa Andarilhagem: os questionamentos que pulsam dentro do meu ser. Educador Social de rua: os colaboradores

Os Educadores Sociais de rua surgiram ao longo de um desastroso processo histórico de abandono de nossas crianças e adolescentes das classes pauperizadas desde o Brasil Colônia. Eles foram para as ruas para criar pedagogias possíveis que favoreçam a realização ou concretização desse direito conquistado historicamente. Esse trabalho é realizado com amorosidade e com o compromisso ético e político, pois a educação de forma alguma está desvinculada da política. Nesse contexto uma das maiores missões dos Educadores Sociais de Rua é mediar a volta da esperança e do sonho para as crianças e jovens empobrecidos que estão em situação de rua, mobilizando-os para sair das ruas, para voltar a tornarem-se sujeitos de direito.

Os educadores Sociais, também, sabem discernir a impossibilidade de agir em algumas circunstâncias adequadas. Aprendem em sua prática pedagógica que recuar não significa desistir e sim aguardar o momento de poder avançar para conquistar espaço. Porém o desgaste psicológico ao qual é submetido o Educador Social é inevitável, termina por gerar certo desconforto com a profissão em si. A práxis do Educador Social de Rua surge com uma outra pedagogia, a fim de atuar com elemento facilitador no processo de conscientização e libertação dessas crianças e adolescentes.

Percebe-se que a prática pedagógica do Educador Social de Rua, não se constitui nem melhor e nem pior que a prática do educador escolar, ela é apenas diferente. Enquanto o Educador Escolar trabalha com horários fixados, programas e conteúdos previamente estabelecidos, o Educador Social de Rua não tem como pensar em horários fixos, conteúdos estabelecidos e grades curriculares. Estar nas ruas como Educador, geralmente traz ao educador muitas perseguições, mal-entendidos, calúnias e sofrimento por ter optado por esse ofício ainda em construção e sem o devido reconhecimento social. Hoje a profissão do Educador Social de rua é ambígua, marcada pelo não reconhecimento profissional, o que termina contribuindo para a marginalidade e não reconhecimento desse importante profissional. Entretanto o Educador Social de Rua sonha com seu desaparecimento, pois trabalha com o desenvolvimento humano.

A formação: Eixo fundante da profissão do Educador Social

Compreende-se que a formação para o Educador Social de Rua é essencial, além disso exige uma formação em serviço, permanente e específica, contudo esses educadores são unânimes em desejar uma formação que venha contribuir com o seu “quefazer” nas ruas. Mas a formação, apesar de sua importância, possui limites e não dá conta das mazelas sociais provocadas pela desigualdade social no Brasil. Percebe-se um paradoxo entre o curso de formação para Educadores Sociais de Rua e o profissional que ministra o curso. Os intelectuais que muitas vezes se propõem a atuar nas capacitações, dos educadores de rua, não conseguem atingir o objetivo do educador social que está no campo, pois na maioria das vezes o intelectual que ministrará o curso não conhece a educação de rua, fala-se apenas do ponto de vista teórico. Não se pode falar em capacitação em serviço sem essa conexão sentimental com o trabalho de educação social. Os educadores querem uma formação problematizadora que leve à ação-reflexão-ação-reflexão, produzido na práxis. O fazer do educador Social de Rua ainda pouco reconhecida, é como se fosse um fazer de um profissional que não existe, que não é necessário. Contudo esses educadores produzem um conhecimento específico de seu saber através da experiência, junto ao seu educando que vivencia um contexto impactante de desigualdade

social. No Brasil, sua formação tem se dado na práxis no campo de trabalho, fincada principalmente na experiência de ser educador.

Para Jacyara, os educadores em suas falas querem uma formação para uma pedagogia inventada nas ruas, nascida do social, uma pedagogia do crescimento, da transformação da realidade concreta onde está seu educando, privado de seus direitos como cidadão. Nesse sentido podemos perceber programas com grande grau de relevância social sendo executado com excelente qualidade técnica, contudo não temos a sistematização satisfatória dessas práticas para subsidiar a reflexão teórica ou consolidar metodologias que possam auxiliar a formação de Educadores Sociais. Falta um acervo teórico e metodológico sistematizado sobre a Educação Social no Brasil, a fim de identificar a diversidade de práticas, seus fundamentos teóricos e metodológicos, os sujeitos envolvidos e o impacto que ela tem na educação em geral. A educação Social de Rua requer uma reinvenção da práxis, que é exatamente onde se dá o processo de construção do conhecimento e da epistemologia da Educação Social.

Para tanto, o solo do conhecimento não é a ciência, mas sim, é o cotidiano-solo do conhecimento de todas as ciências, é um ponto de partida para uma ciência capaz de corrigir muitas coisas da ciência empírica. Essa não é uma tarefa das mais fáceis, principalmente porque a compreensão está no cotidiano de onde vem o conhecimento, porém não podemos deixar de sonhar e acreditar no comprimento dessa difícil, mas não impossível, tarefa.